

RESGATE DA LEITURA NA ERA MINIMALISTA: ESTRATÉGIAS ALIADAS A GÊNEROS

Viviane Aparecida Ferreira Pinto¹

Esse estudo surgiu a partir da reflexão acerca do período minimalista em que vivemos; do interesse pelo âmbito da leitura; e das possibilidades frente aos desafios docentes resultantes dessa mobilidade social.

Nesse sentido esta pesquisa tem como finalidade apresentar uma proposta de trabalho docente que alia as estratégias de leitura encontradas em Solé (2008) a formas breves; em evidência o conto e seus subgêneros miniconto, e nanoconto. O objetivo da proposta é o de estimular a leitura na tentativa de formar leitores nesta era minimalista, a qual é caracterizada por indivíduos que possuem a necessidade/prensa de abstrair a essência do objeto em questão.

A metodologia utilizada neste estudo caracteriza-se como teórico-bibliográfica e experiencial, sendo que após pesquisa teórica o estudo se consolidou com êxito em sala de aula no período de estágio obrigatório, critério para formação inicial no curso de Letras Português /Espanhol. O estágio foi realizado no Colégio Estadual Túlio de França, no município de União da Vitória-PR. A turma escolhida foi o 1º Ano do Ensino Médio Técnico (1ª CTMA), com aproximadamente 26 alunos, e com aulas no período matutino.

A proposta trata-se de uma sequência didática destinada a alunos alfabetizados, que contempla a aproximação dos alunos às formas breves conto, miniconto e nanoconto, contextualizando a brevidade dos gêneros citados ao período minimalista e tecnológico que vivenciam, fazendo levantamento de hipóteses, leitura, produção textual, releitura, refacção e socialização das produções. As socializações foram feitas em primeira estância de maneira verbal, e posteriormente por meio da produção de uma Cartonera² de literatura minimalista contendo em específico as produções de nanocontos escritos pela turma. Para encerrar a sequência didática os alunos fizeram uma “Intervenção Minimalista” em todos os setores da escola, incluindo também os transeuntes que encontravam no espaço escolar. No retorno a sala puderam contar suas expectativas e experiências vivenciadas em relação a intervenção.

Os resultados em todas as etapas da proposta de trabalho comprovam o interesse dispensado pelos alunos em relação ao tema “leitura”, contradizendo preleções de senso comum que afirmam que os alunos não gostam de ler, e reafirmando o discurso de Solé (2008) de que, os alunos leem aquilo que faz sentido e que é dotado de objetivo dentro do contexto em que vivem. Portanto para lograr êxito a leitura precisa fazer sentido ao aluno, esta é a estratégia de leitura que serve de ponto de partida para as demais; quanto ao objetivo do professor este deve estar voltado para um trabalho que vise passar o controle da leitura para o aluno a fim de torná-lo um leitor autônomo.

O surgimento de uma nova era: a era minimalista e os gêneros

Vivemos um momento histórico que possui como característica a falta de tempo, que é eleita como principal fator excludente de atividades na vida do ser humano.

¹ Graduada em Letras Português/ Espanhol (UNESPAR). Graduanda do 4º ano do Curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual do Paraná, Campus União da Vitória (UNESPAR/UV). E-mail: ferreiraviviane84@yahoo.com.br.

² Cartonera é um livro confeccionado manualmente e com material sustentável; surgiu na Argentina em 2001 com a nomenclatura de Eloísa Cartonera.

Esse novo modo de vida, tem se refletido nos mais diversos campos sociais, adaptando-se ao que podemos chamar de “era minimalista”, ou seja, um período onde cada vez mais se criam novas tecnologias, novos sistemas, novos gêneros que tem como principal objetivo maximizar o tempo das pessoas as mantendo conectadas a redes sociais de maneira que possam extrair rapidamente as informações de que necessitam.

O minimalismo também aparece nas intervenções físicas de aparelhos tecnológicos tais como computador, celular que estão cada vez menores e mais repletos de funções úteis.

A estas funções tais como redes sociais e demais podemos atribuir a nomenclatura de gêneros textuais³ muito presentes em nosso cotidiano; que em geral sofreram e continuam sofrendo modificações, influenciados pelas novas estruturas da sociedade.

É papel do professor apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola – descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral. (CALDAS, 2009, p. 3).

A literatura acostumada com o prestígio de seus grandes volumes quer no romance, quer na ficção, também foi prestigiada pelas as formas breves, que não deixaram a desejar em qualidade, são gêneros pouco conhecidos, principalmente nas escolas. Dentro da literatura a nomenclatura “formas breves” está ligada diretamente ao conto, que é reconhecido como gênero literário, o qual não deixa também de ser um gênero textual, porque é um texto que está inserido na sociedade. Quanto ao miniconto e o nanoconto, estes ainda não são reconhecidos como gêneros literários, mas são textos que circulam em nossa sociedade pelo que tudo indica inspirados no gênero literário conto, porém atendendo aos requisitos e necessidades do contexto histórico atual.

A leitura na era minimalista.

Nas últimas décadas houve um bombardeio de mudanças na vida das pessoas; também houve um bombardeio de informações, de compromissos, de tecnologias que estão formando um novo público dentro das escolas, um público que normalmente se caracteriza por “não gostar de ler”. De acordo com Kleiman (2002) em suas palestras direcionadas a profissionais da educação sobre a leitura, o que mais ouvia no espaço reservado para perguntas, eram questionamentos que iniciavam com “Meus alunos não gostam de ler”.

Grande parte dos alunos que se encontram nos bancos escolares não gosta de ler, acham chato, e fogem da leitura na escola porque essa é a imagem que eles possuem dela: tarefa maçante e sem finalidade. Perante esse comportamento é necessário avaliar a experiência vivenciada pelos alunos em ambiente escolar; é muito provável que estes tenham sido expostos

³ Gêneros textuais são textos materializados em situações comunicativas recorrentes, encontrados em nosso dia a dia. Apresentam características padrões sócio-históricos, ou seja, são textos orais e escritos produzidos por falantes de uma língua em um determinado momento histórico. São definidos por suas composições funcionais, objetivos anunciativos e estilos; concretamente realizados sob forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Ao contrário dos tipos textuais, os gêneros possuem número ilimitado, enquanto os tipos possuem cerca de seis categorias que são: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção*. Um tipo textual pode aparecer em qualquer gênero textual, da mesma forma que um único gênero pode conter mais de um tipo textual. Um tipo textual sempre estará contido em um gênero textual.

a leituras fora de seu contexto de vida, ou ainda por imposição e nesses casos o produto de leitura se torna alvo de um processo apenas de decodificação e conseqüentemente de aversão ao ato de ler.

(...) para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer, de famílias da palavra do da, “Dói o dedo do Didu”, a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia, a correria desesperada até o dono do bar que compra o jornal aos domingos, para a família achar as palavras com a letra J. (KLEIMAN, 2002, p. 16)

Essas práticas de leitura em um período como o qual vivemos faz com que os alunos criem aversão a livros; eles vivem rodeados dos mais variados tipos de computadores, celulares, vídeo games concorrentes diretos do livro. Essas mudanças não significam que os alunos não leiam, pelo contrário, estão conectados o tempo todo em redes sociais, a postos mandando e recebendo mensagens de seus celulares ou em seus aplicativos. E a pergunta que fica é: Os alunos leem o tempo todo por meio de aparelhos tecnológicos, como estes mesmos alunos são estigmatizados como alunos não leitores na escola?

O resgate da leitura: estratégias de leitura aliadas ao gênero literário conto e gêneros textuais miniconto e nanoconto

Pra Kleiman (2002) a falta do gosto pela leitura pode estar atrelada simplesmente ao fato de que:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não se consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 2002, p. 16).

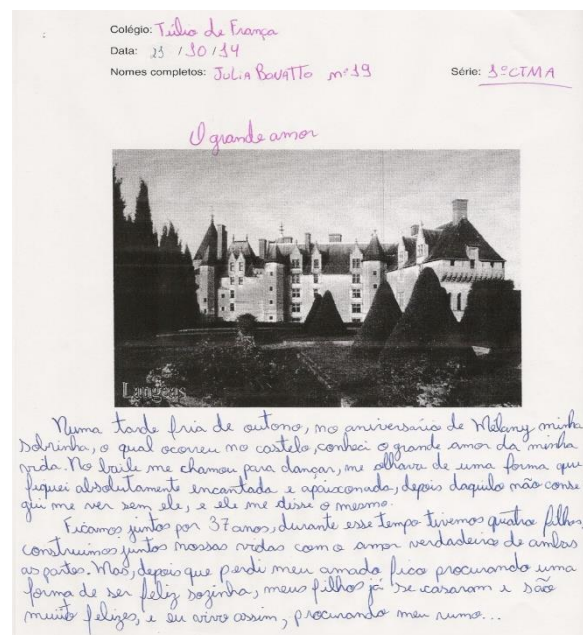
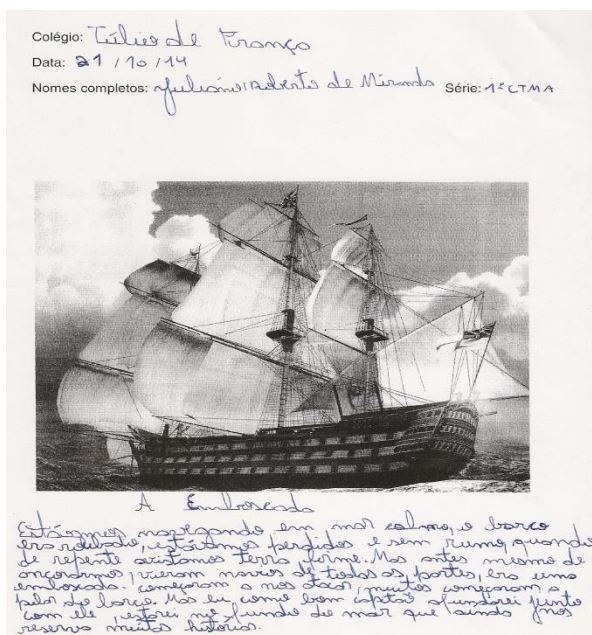
Buscando atribuir sentido a leitura proposta aos alunos, trabalhou-se com as formas breves: conto, miniconto e nanoconto e os fatores decisivos para utilização dos textos foram a concisão; totalidade; subtexto; ausência de descrição e espera da participação do leitor. É certo que os alunos apresentam resistência ao ato de ler, e a brevidade neste caso pode ser a primeira característica a ser contextualizada com a realidade em que vivem, uma oportunidade de reavivar a curiosidade pela leitura. Além do período minimalista em que vivem há mais um empecilho a ser transpassado no cotidiano da sala de aula, trata-se da falta de foco; normalmente os alunos não se atêm perante uma narrativa longa, a era minimalista gerou um fenômeno chamado pressa, eles querem logo saber o desfecho da história, mas ao se deparar com centenas de páginas acabam optando pela não leitura. Não se trata de aceitar esse fenômeno da pressa, trata-se de trabalha-lo lentamente, e de maneira crescente, com a prática da leitura por meio de estratégia (re)nascer o hábito de leitura, inserir neles a aceitação. O aluno poderá aprimorar a interpretação gradativamente, e por si só perceberá que está apto para voos mais longos, procurando por outros tipos de leitura, pois suas necessidades e habilidades estarão ampliadas.

Resultados obtidos

Conforme citado anteriormente a sequência didática contou com momentos de estudo teórico, leitura literária, produção textual, releitura, refacção e socialização das produções. A primeira forma

breve trabalhada apresentada a turma foi o gênero textual: Conto, onde tiveram uma explicação teórica e logo após fizeram a leitura literária do conto: “Natal da barca” de Lygia Fagundes, sendo orientados a escreverem um final para a história. As produções versaram entre finais trágicos e positivos, longos e concisos. Os alunos foram convidados a dividirem suas produções com a turma e debateram defendendo suas hipóteses. Após o exercício de socialização/reflexão, o final do conto trabalhado foi revelado por meio de contação de história em formato de vídeo, onde os alunos descobriram na visão da escritora como havia terminado a história.

Dando continuidade, trabalhou-se o gênero textual: miniconto, também com explicação teórica e imersão ao gênero por meio de vídeos de contação de histórias oralizadas pela contadora Ana Luiza Lacombe, feito isso os alunos foram desafiados a escrever um miniconto partindo de uma imagem, como se pode verificar nas imagens abaixo. As imagens são de textos que já haviam passado pela refacção. Os textos foram socializados em turma e expostos para a comunidade escolar.



Fonte: Arquivo Pessoal

Por fim, foi apresentado aos alunos o gênero textual: Nanoconto. Essa abordagem se deu por meio de atividade dinâmica, denominada “Minuto Literário”, que se tratava de caixas de fósforo, que continham uma bala e um nanoconto. A bala foi usada para fazer analogia ao sabor literário contido em um nanoconto.



Fonte: Arquivo Pessoal

RESGATE DA LEITURA NA ERA MINIMALISTA: ESTRATÉGIAS ALIADAS A GÊNEROS

Com essa atividade, foram feitas leituras de 24 nanocontos de maneira oral, onde os alunos liam de maneira democrática, e os demais atribuíam sentido a leitura, refletindo sobre os mais variados pontos de vista, criando assim um entendimento, e aprovação coletiva em relação ao gênero.

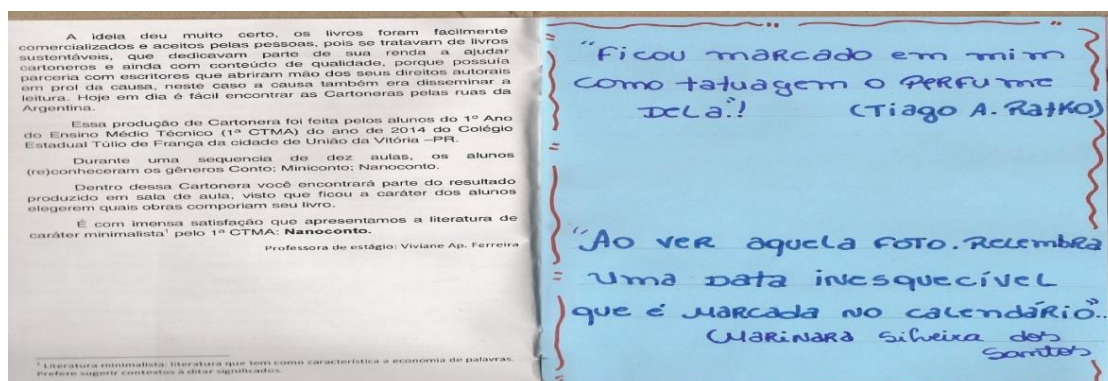
Ainda nesse clima de descoberta, contextualização e debate, os alunos receberam um novo desafio, que se tratava da produção de no mínimo um nanoconto por aluno. Para auxiliar na produção e aguçar a criatividade os alunos receberam três palavras chaves, as quais poderiam ou não fazer. Dessa atividade surgiram inúmeras produções abaixo algumas delas:

- *Ficou marcado em mim como tatuagem o perfume dela!* (Tiago A. Ratko)
- *Em uma manhã sombria recebi uma carta com uma foto de jornal que noticiava a minha morte.* (Juliano Roberto de Miranda)
- *A moça quebrou seu pente com tanta raiva do seu cabelo.* (Franciele Mayara Vier)
- *A menina solitária não tira seu celular da mão.* (Rayane da S. Paz)
- *Há tempos que estava no papel, planos e planos. Até que enfim vamos flutuar no mar.* (Anderson Alves)

Para encerrar a sequência didática os alunos confeccionaram uma cartonera de nanocontos, e fizeram a Intervenção Minimalista dentro do colégio, abordando pessoas e setores, na volta da intervenção discutiram acerca das experiências em relação as pessoas que recebiam a Cartonera.



Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

Conclusão

Partindo do pressuposto que o contexto de vida mudou e que os alunos se tornaram mais concisos, ativos, e cheio de expectativas, é preciso acompanhar essa evolução e encará-la pelo lado positivo, ou seja, se os alunos mantêm tantas atividades ao mesmo tempo, se eles recebem tanta informação normalmente de cunho tecnológico e aprendem com facilidade, é porque eles possuem capacidades e habilidades lapidadas que alunos de uma década atrás não possuíam, imaginemos o poder reflexivo que terá um aluno com esse perfil se aliar toda essa energia ao gosto pela leitura de áreas diferenciadas, que recebam mais formação do que informação. Provavelmente atingir-se-á um objetivo, mas antes dele é necessário convencê-los de que ler é bom, de que eles fazem isso todos os dias, mesmo que não percebam, e que se não fosse por meio da leitura, nada do que vivem seria possível.

Existem inúmeros outros problemas que embargam o bom andamento da educação e a qualidade, mas como cita Kleiman (2002), o professor não pode se ater a problemas macroestruturais quase impossíveis de serem solucionados. O que ele precisa é se ater aos problemas microestruturais, a sua comunidade, a sua escola, a sua sala de aula, a si mesmo.

Nesse sentido trabalhar com as formas breves foi um meio pelo qual os alunos sentiram-se cativados pela similaridade que apresentam com o contexto de vida deles; quem sabe até passem a visualiza-las nas suas atividades particulares, ou então que a partir delas decidam dar o primeiro passo em favor ao mundo da leitura.

Referências

CALDAS, Lilian Kelly. **Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética.** Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf - Consultado em 28/09/2014>.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 9. ed., Campinas/SP: Pontes, 2002.

SCHLATTER, Margarete. O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento. In: **Caleidoscópio**, v. 7, n. 1, p. 11- 23, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.